

Entrevista com a pesquisadora Maria Thereza Lemos de Arruda Camargo

Como se deu seu interesse pelo tema das plantas?

Ocorreu quando ganhei o 1º Prêmio “Mário de Andrade” num Concurso de monografias promovido pela Prefeitura de São Paulo em 1972, com o trabalho “*Medicina popular em favela de São Paulo*”. Tratava-se, contudo, de um trabalho de conclusão de um curso de cultura popular promovido pelo Museu de Folclore, no Parque Ibirapuera, ministrado pelo Prof. Rossini Tavares de Lima.

Bastante divulgada pela imprensa, tal premiação fez chegar a um amigo, professor de química orgânica da USP Mário Cataldi, a ideia de apresentar-me ao Prof. Dr. Orestes Scavone, professor da recém-criada disciplina do bacharelado “Plantas medicinais e tóxicas”, no Departamento de Botânica do Instituto de Biociências da USP. Acreditava ser de interesse daquele professor, conhecer minha pesquisa. Tal encontro rendeu-me 14 anos estagiando e estudando as várias disciplinas envolvidas com a Botânica.

O período bastante longo comparado aos padrões normais de estágio, deveu-se a um convite que me fora feito por um setor do Ministério da Educação e Cultura – MEC, no Rio de Janeiro, hoje Centro Nacional de Cultura Popular – IPHAN, a fim de colaborar na área de medicina popular, num programa junto às Universidades Federais, principalmente do Nordeste. Para tanto, aquele setor do MEC solicitou ao Departamento de Botânica minha continuidade nos estudos de plantas medicinais orientados pelo Prof. Scavone, assim como as disciplinas na área da Botânica que vinha acompanhando. Foi este o período em que tive a oportunidade de me deslocar para diferentes regiões nordestinas, contatando professores e alunos envolvidos com as plantas medicinais, possibilitando a coleta de diferentes espécies botânicas, as quais se acham conservadas no Herbário de Departamento de Botânica, junto a outras de minha coleção.

Durante aqueles anos no Instituto de Biociências, orientada pelo Prof. Scavone – médico, farmacêutico e botânico – vinha reunindo tudo que precisava para desenvolver textos baseados em minhas pesquisas de campo e bibliográfica, apresentando-os em Simpósios, Seminários e Congressos nacionais e estrangeiros, os quais perfazem hoje o número de 127 nos quais participei.

As viagens para o Nordeste somadas aos contatos estrangeiros proporcionaram a oportunidade de amarrar laços de amizade com pesquisadores, com os quais venho mantendo contatos, enriquecendo meus conhecimentos sobre a matéria à qual abraço, a Etnofarmacobotânica. Vocábulo não dicionarizado, mas que adoto por sua abrangência no campo do conhecimento das plantas medicinais nas práticas médica populares.

Durante meus últimos anos no Instituto de Biociências, vinha mantendo contato com professores das Ciências Sociais da USP, resultando no convite para integrar o Centro

de Estudos da Religião “Duglas Teixeira Monteiro”, para onde me transferi em 1985, chegando a fazer parte o corpo de diretores.

Quais foram as influências intelectuais mais marcantes nos seus estudos sobre o uso das plantas pelas sociedades tradicionais?

A principal influência veio de meu pai, médico sanitarista, Dr. Avelino Lemos Júnior sempre envolvido com as doenças tropicais que assolavam regiões do país. Ocupando cargos de destaque na Saúde Pública ouvia as histórias que contava quando de suas andanças resolvendo questões de ordem epidemiológica.

Em minha adolescência, quando saíamos de férias para as praias do litoral norte de São Paulo, muitas vezes o acompanhava nas visitas que fazia a núcleos de caiçaras na companhia de guardas sanitários dos centros de saúde, locais cujo acesso só era possível por mar. Lembro-me das conversas com aquelas famílias contando como resolviam seus problemas de saúde, se valendo das plantas medicinais da região, mostrando-nos aquelas que tinham por perto. Mais tarde vim a perceber que era o mesmo que se fazia na medicina caseira com os chás, unguentos, etc., preparados com as plantas que faziam parte da farmacopeia doméstica, visto muitas delas servirem de condimentos no preparo de comidas: hortelã, alho, entre outras. Era época em que imperava a medicina magistral baseada na *Farmacopéia dos Estados Unidos do Brasil*, edição de 1959, na qual os médicos se orientavam para a formulação dos remédios que eram preparados nas farmácias, recurso só possível nas grandes cidades que tinham farmácias de manipulação. Fora daí eram, mesmo os, chazinhos que imperavam.

Com quais campos de conhecimento você cerca o seu objeto de estudo?

A Etnofarmacobotânica, área de estudos que busca resgatar de grupos humanos os usos relacionados às plantas medicinais, dado seu caráter multidisciplinar, está estreitamente ligada a várias áreas acadêmicas, tais como: Ciências Médicas e Farmacêuticas, Psicologia, assim como Ciências Humanas, História e outras mais que podem se incorporar a este rol.

Como você descreve a importância do resgate do uso das plantas na contemporaneidade?

A importância desse resgate está no papel de relevância na escalada científica em direção à síntese dos medicamentos, enquanto as plantas estão ainda disponíveis em seus habitats naturais. A tendência de desaparecerem antes que a ciência as investiga em seus potenciais farmacológicos é grande, em vista dos sucessivos desmatamentos de áreas onde a vegetação só existe naquele ecossistema. Exemplo das plantas das regiões amazônicas e das caatingas nordestinas, bioma este único no mundo, caminhando para sua desertificação, quando já se sabe do alto potencial farmacológico de árvores, arbustos e herbáceas que só ali se desenvolvem.

Comente sobre o herbário que você criou nas Ciências Sociais da USP.

Este foi um episódio de minha vida enquanto parte da cúpula do Centro de Estudos da Religião “Duglas Teixeira Monteiro”, apoiada pelos companheiros e ávida por aproximar os cientistas sociais das plantas mencionadas por eles em suas obras, sem indicação das fontes onde buscam as identificações botânicas. O herbário foi organizado de forma a atender consultas de estudiosos de diferentes áreas acadêmicas, a partir de um Banco de Dados, o qual mereceu da Fapesp elogios quando de sua publicação em conjunto com a Editora Humanitas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, em 1999, com o título: *Herbário Etnobotânico e Banco de Dados*. Completa esta publicação, por sugestão da Fapesp, uma pesquisa que realizei sobre *As plantas do catimbó em Meleagro de Luís da Câmara Cascudo*, o qual mereceu o “1º Prêmio Câmara Cascudo” conferido pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1989. As consultas ao Banco de Dados permitia acesso a qualquer classe de pesquisador. Podia-se chegar à planta a partir da ficha catalográfica contendo os dados: nomes vulgares em língua nacional ou estrangeira, nome científico em seu binômio latino, nome da família botânica, além da indicação bibliográfica de obras ligadas a diferentes áreas acadêmicas, para cada planta em separado, acrescido da indicação das respectivas páginas onde a mesma é mencionada.

Graças à Fapesp esse banco de dados, embora uma realidade efêmera, se mantém vivo na forma de livro.

Como seus estudos abordaram o uso das plantas pelas religiões?

Esta abordagem deveu-se a logo no início de minhas pesquisas de campo, perceber a estreita relação da medicina popular com sistemas de crença, principalmente com as religiões de origem e influência africana, onde as plantas fazem parte de todos os momentos da vida religiosa.

Você observou transformações no uso de plantas nos rituais religiosos, já que as religiões se diversificaram bastante na contemporaneidade?

Certamente as transformações foram se diversificando e isso foi possível perceber nos meus 40 anos de pesquisa de campo, principalmente com relação às religiões afro-brasileiras: candomblé e umbanda. Apesar das transformações que veem sofrendo, percebe-se que há um cerne de raiz ancestral histórica imutável em torno do qual tudo acontece em termos de transformações, as quais vão tendo seus significados partilhados por todos os membros dos grupos religiosos. Cito como exemplo as plantas rituais afro-brasileiras, antes obtidas de áreas de vegetação ainda virgem, ou seja, ainda não alteradas pela mão do homem. Hoje, devido às dificuldades de acesso a esses locais, principalmente nas grandes cidades, as mesmas plantas são obtidas no mercado de produtos religiosos ou mesmo em outras fontes de comércio.

O seu trabalho de campo certamente lhe propicia contatos com as populações tradicionais. Como elas interpretam o interesse pelos seus saberes nativos por parte de pesquisadores, cientistas e outros especialistas?

Desde que informamos todos os propósitos de nossas pesquisas, os informantes enchem-se de orgulho pela colaboração com a ciência, visto ser essa colaboração, na verdade, fundamental para o pesquisador chegar às plantas de seu interesse. Evidentemente que a seleção do informante é básico para o êxito da pesquisa. Para tanto torna-se importante a obediência a uma metodologia específica para trabalhos etnográficos, principalmente na escolha do informante, e nas técnicas próprias para coleta do material botânico destinado às análises laboratoriais e à preparação das exsiccatas para sua conservação em herbários.

Palavra aberta.

Teria mais alguma coisa a dizer?